

CARDOSO, Helma de Melo. **Uma educação outra: subjetividades trans no currículo do ensino superior em universidades nordestinas.** 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Fundação Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

Palavras-Chave: Currículo. Ensino Superior. Normas de gênero. Professoras trans*. Sexualidade. Subjetividades trans*.

Esta tese tem como objeto o currículo dos espaços educacionais ocupados por professoras trans* em universidades nordestinas, a fim de desvendar suas sociabilidades, suas resistências e seus assujeitamentos às normas heterossexuais, partindo de suas narrativas e também enfocando as experiências dessas professoras trans*, que, a despeito das exclusões das quais são reféns diariamente, conseguem sobreviver no centro e não à margem da sociedade. Por meio de uma contextualização a respeito da inconformidade dos corpos trans* às normas de gênero e à heteronorma entrelaçada ao contexto educativo no nível superior, esta tese tem como objetivo analisar quais são as mudanças curriculares e os modos de subjetivação ocasionados pela presença de professoras trans* no Ensino Superior em instituições nordestinas. O corpo teórico-metodológico que melhor corresponde aos questionamentos desta pesquisa é a teoria pós-crítica, pois abandona o caráter normativo da pesquisa e pensa os fenômenos sociais como múltiplos e heterogêneos. Foram utilizadas entrevistas (as narrativas) com o objetivo de localizar, descrever e problematizar as práticas discursivas do currículo desse espaço educativo, com foco nas normas de gênero, na heteronorma, na observação de fissuras nas normas hegemônicas. Para tanto, buscou-se inspiração na analítica queer, que defende uma visão pós-identitária e fragmentada em oposição ao pensamento identitário/binário hegemônico sobre a sexualidade e os estudos de gênero e tem como função problematizar o que se apresenta como natural, estável e verdadeiro. Foram entrevistadas seis professoras trans* de instituições de nível superior nordestinas. Essas professoras enfrentam diariamente questões sobre a abjeção de seus corpos e a produção dos discursos de anormalidade que tornam a luta por direitos mais difícil, pois também são questionadas na sociedade sobre suas humanidades. Então, a partir da análise, foram problematizados as identidades fixas e os discursos hegemônicos que nos aprisionam na binariedade dos sexos. Para além das dificuldades, as professoras trouxeram a importância das parcerias estabelecidas com discentes e docentes para superar obstáculos no ambiente inóspito para as pessoas que ousam enfrentar as normas regulatórias de biopoder e de governo dos corpos. Por serem interpretadas como seres abjetos e por constituírem seus corpos em contraste com os modelos hegemônicos, suas presenças num ambiente educacional como professoras desestabilizam os currículos em que operam, por serem interpretadas inicialmente como seres que devem ocupar as margens, fora das vistas dos corpos conformados à norma. Mas, também, pelo fato de causarem esse impacto de serem corpos deslocados, auxiliam nas (des)aprendizagens desses mesmos modelos hegemônicos por demonstrarem

que o trânsito do gênero não pode designar lugares e papéis sociais. As formas como essas professoras geram proximidades com xs discentes e conseguem estabelecer vínculos diferenciados resultaram numa suspeição das normas hegemônicas, sendo, assim, postas em reavaliação, trazendo a possibilidade de ressignificações nas aprendizagens de gênero e sexualidade nesses currículos, tomando o próprio corpo como potência política que impulsiona as rupturas operadas nas relações do currículo